

Apresentação

O material de *Língua Portuguesa: Resolução de questões* tem como objetivo treinar os alunos no que se refere ao formato e aos temas das provas de diferentes concursos de renome realizados no país. A parte de análise das questões ajuda a desenvolver o senso crítico do aluno, de modo a possibilitar a revisão da resposta e, em caso de erro, permite a compreensão do problema e a redefinição do raciocínio. Esse processo familiariza o candidato com as especificidades das provas, que, além de conhecimento gramatical, exigem boa desenvoltura na produção e na interpretação de textos e muita atenção na leitura das questões.

São apresentadas a questão a ser analisada, a resposta correta e, em seguida, uma análise que justifica a resposta certa e explica por que as outras alternativas estão incorretas. Dentre os temas privilegiados, destacam-se

- interpretação de texto;
- relação do texto com as partes que o compõem;
- concordância e regência (nominais e verbais);
- colocação pronominal;
- acentuação; e
- as novas regras de ortografia.

Verônica Daniel Kobs

Língua Portuguesa: resolução de questões – Aula 4

Verônica Daniel Kobs*

* Doutora em Estudos Literários, Mestra em Literatura Brasileira e licenciada em Letras português-latim pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Clima alentador

China e Estados Unidos anunciam metas para combater o aquecimento global e revivem expectativa de acordo em Copenhague

(Editorial, **Folha de S. Paulo**, 29 nov. 2009)

Copenhague, afinal, pode sair menos ruim que a encomenda. Quando já se contava com um fiasco da conferência sobre mudança do clima, que começa daqui a uma semana na capital dinamarquesa, surgem sinais animadores de que um acordo razoável possa ser obtido. Limitado, mas melhor que acordo nenhum.

Já se sabe que não será aprovado um tratado forte, com compromissos legais dos países para redução de gases do efeito estufa. Essa era a expectativa anterior: algo mais ambicioso que o Protocolo de Kyoto (1997), fracassado, que determinava corte médio de 5,2% nas emissões só das nações desenvolvidas. O compromisso obtido em Copenhague será apenas “politicamente vinculante”.

O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas. Isso exige dos países desenvolvidos chegar a 2020 emitindo 25% a 40% menos poluentes que em 1990, ano-base de Kyoto.

Os países menos desenvolvidos, por seu turno, precisam desacelerar a trajetória crescente de suas emissões. Estima-se que seja necessário um corte de 15% a 30%, aplicados no caso sobre os níveis que estariam emitindo em 2020, mantido o ritmo atual. A ideia é de que a redução não prejudique seu esforço de desenvolvimento e redução da pobreza.

Os sinais alentadores surgidos na semana partiram dos Estados Unidos e da China. Juntos, respondem por 40% das emissões mundiais. (CLIMA ALENTADOR, 2009)

1. O título “Clima alentador”, do editorial da *Folha de S. Paulo*,
 - a) antecipa o ambiente favorável ao acordo climático.
 - b) aponta para o fracasso do compromisso de Copenhague.
 - c) descreve o esforço dos países ricos na redução da pobreza.
 - d) expõe a opinião de um jornalista de sucesso.
 - e) sintetiza as conclusões do Protocolo de Kyoto.

Análise

A questão é de interpretação e tem a letra *a* como resposta correta porque essa alternativa faz menção ao adjetivo do título, *alentador* – que, aliás, é citado no final do texto: “Os sinais alentadores surgidos na semana [...]”. Além disso, é importante a palavra *antecipa*, que abre a opção *a*, pois ela deixa claro que o evento mencionado no texto ainda irá ocorrer, como bem demonstra a passagem a seguir: “[...] conferência sobre mudança do clima, que começa daqui a uma semana na capital dinamarquesa [...]”.

A alternativa *b* está errada porque não interpreta corretamente o significado de *alentador*, adjetivo que é sinônimo de *encorajador* e, portanto, tem sentido positivo – daí a impossibilidade de ele indicar *fracasso*.

As outras três opções também sugerem equívocos fáceis de serem percebidos.

A letra *c* menciona a pobreza, mas esse não é o tema central do texto, razão pela qual não poderia estar relacionado ao adjetivo do título.

A letra *d* afirma que o título expressa “a opinião de um jornalista de sucesso”. Entretanto, na referência citada, não aparece nome de autor. O texto é parte do editorial de um jornal.

Restou a letra *e*, que sugere que o título “sintetiza as conclusões do Protocolo de Kyoto”. No entanto, o texto é claro quando anuncia uma conferência sobre o clima, evento que pode possibilitar um acordo que “precisa ir muito além de Kyoto”.

2. Em defesa de seu ponto de vista, esse editorial marca sua opinião de vários modos. Das afirmativas a seguir, a que não se constitui em opinião, mas sim em um fato que contribui para a comprovação da tese apresentada no texto é
- a) “Quando já se contava com um fiasco da conferência sobre mudança do clima, [...] surgem sinais animadores de que um acordo razoável possa ser obtido.”
 - b) “Já se sabe que não será aprovado um tratado forte, com compromissos legais dos países para redução de gases do efeito estufa.”
 - c) “O compromisso obtido em Copenhague será apenas ‘politicamente vinculante.’”
 - d) “Os países menos desenvolvidos [...] precisam desacelerar a trajetória crescente de suas emissões.”
 - e) “Juntos respondem por 40% das emissões mundiais.”

Análise

A questão é fácil de ser respondida. Requer apenas uma leitura cuidadosa para identificarmos a presença ou a ausência de adjetivos no texto, pois esses são os elementos mais usados para marcar opinião. Vamos, então, retomar os trechos propostos nas alternativas e destacar, em cada um deles, os adjetivos ou as partes que revelam opinião.

- a) “Quando já se contava com um fiasco da conferência sobre mudança do clima, [...] surgem sinais animadores de que um acordo razoável possa ser obtido.”

Aqui se observa o uso do substantivo *fiasco*, que demonstra bastante opinião, pela sua força negativa. Além disso, são usados também dois adjetivos: *animadores* e *razoável*.

- b) “Já se sabe que não será aprovado um tratado forte, com compromissos legais dos países para redução de gases do efeito estufa.”

Nesse trecho, o destaque vai para o modo como o autor caracteriza o “tra-

tado”, o que demonstra que a opinião ocupa um espaço realmente grande no período, correspondendo a mais da metade desse espaço.

- c) “O compromisso obtido em Copenhague será apenas ‘politicamente vinculante’.”

Nessa opção, demonstram opinião a expressão entre aspas simples e o ad-
vérbio *apenas*.

- d) “Os países menos desenvolvidos [...] precisam desacelerar a trajetória crescente de suas emissões.”

Essa alternativa não marca opinião por meio de adjetivos, mas pela sugges-
tão de como os países menos desenvolvidos devem agir, como fica claro no
destaque.

- e) “Juntos respondem por 40% das emissões mundiais.”

Chegamos à letra *e*, que é a resposta certa porque traz o único trecho que
não apresenta opinião. O modo de se isentar da opinião é bem conhecido
e resume-se a citar um dado estatístico. É certo que, às vezes, esses dados
podem ajudar o autor do texto na posição que ele defende, mas os dados,
como fatos, funcionam como provas e é justamente esse caráter comproba-
tório que os distancia das marcas de opinião.

3. Na frase “A ideia é de que a redução não prejudique seu esforço de de-
senvolvimento e redução da pobreza”, o uso do pronome possessivo
seu estabelece um vínculo coesivo no texto porque evita se repetir a
expressão:

- a) “redução de gases do efeito estufa”.
b) “o novo acordo”.
c) “países desenvolvidos”.
d) “os países menos desenvolvidos”.
e) “um corte de 15% a 30%”.

Análise

O pronome possessivo *seu* está associado a “esforço de desenvolvimento”. Portanto, a dica é buscar uma alternativa que faça menção a algo que possa desempenhar a função de agente e que já tenha sido mencionado antes da frase “A ideia é de que a redução não prejudique seu esforço de desenvolvimento e redução da pobreza”. Para facilitar essa tarefa, vamos recuperar o parágrafo em questão:

“Os países menos desenvolvidos, por seu turno, precisam desacelerar a trajetória crescente de suas emissões. Estima-se que seja necessário um corte de 15% a 30%, aplicados no caso sobre os níveis que estariam emitindo em 2020, mantido o ritmo atual. A ideia é de que a redução não prejudique seu esforço de desenvolvimento e redução da pobreza.”

Nessa primeira etapa, já conseguimos eliminar duas opções – *a* e *b* – porque elas não se relacionam com o “esforço para o desenvolvimento”, ou seja, não indicam possíveis sujeitos da ação, e, além disso, nenhuma delas refere-se a algo já mencionado nesse trecho do texto que recuperamos.

Podemos também eliminar a alternativa *e* porque, embora ela apresente algo que aparece no parágrafo transcrito, esse elemento não corresponde ao sujeito da ação. O “corte de 15% a 30%” é o meio mais viável para o cumprimento da meta estabelecida, isto é, é meio e não agente.

Sobraram as opções *c* e *d*. Ambas referem-se a possíveis sujeitos da ação. No entanto, a letra *c* é incorreta porque os “países desenvolvidos” não são citados no parágrafo em análise e porque, por razões óbvias, se eles já são desenvolvidos, não se justifica o “esforço para o desenvolvimento”, ação característica dos “países menos desenvolvidos” – os quais, aliás, aparecem logo na abertura do parágrafo em que o pronome *seu* está inserido. Portanto, esse pronome retoma o antecedente “os países menos desenvolvidos”, fazendo da alternativa *d* a resposta certa.

4. No fragmento “O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas”, o termo *se* tem o sentido equivalente ao de:

- a) logo que.
- b) à medida que.
- c) apesar de.
- d) no caso de.
- e) uma vez que.

Análise

Se é uma conjunção que indica hipótese, assim como *caso*. Por isso, a resposta certa para a questão proposta é a alternativa *d*: “no caso de” é, entre as opções apresentadas, o único exemplo de locução conjuntiva com função hipotética. Porém, ressalte-se que, efetivando-se a substituição do *se* por “no caso de”, o período precisaria sofrer uma pequena adaptação: a forma verbal *for* deveria também ser substituída. Confira as alterações: “O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, no caso de a meta ser: impedir que o aumento da temperatura [...]”. Perceba que a mudança no verbo acarretou outra alteração, a inclusão dos dois pontos para separar os dois verbos no infinitivo (*ser* e *impedir*) e para dar mais destaque à meta.

Quanto às questões incorretas, todas elas, embora sejam locuções conjuntivas, estabelecem relações diferentes da hipotética.

- a) “Logo que” indica tempo: “Logo que você chegar, sairemos.”
- b) “À medida que” indica proporção: “Mais casas são inundadas à medida que chove.”
- c) “Apesar de” estabelece uma relação de causa e efeito contrário: “Apesar da falta de ânimo, foi ao cinema.”
- e) “Uma vez que” expressa a relação de causa e consequência, sem a contrariedade da opção *c*: “Uma vez que estava em oferta, resolvi comprar vários.”

5. As palavras que se acentuam pelas mesmas regras de *conferência*, *razoável*, *países* e *será* são, respectivamente:

- a) *trajetória*, *inútil*, *café* e *baú*.
- b) *médio*, *nível*, *raízes* e *ocê*.

- c) *necessário, túnel, infindáveis e só.*
- d) *exercício, balaústre, níveis e sofá.*
- e) *éter, hífen, propôs e saída.*

Análise

Para entender por que a alternativa b é a resposta correta, vamos utilizar uma tabela que reúna os exemplos propostos no enunciado e nas diferentes alternativas, com a justificativa da acentuação em cada um dos casos.

Conferência	Razoável	Países	Será
Paroxítona terminada em ditongo	Paroxítona terminada em /	Hiato tônico	Oxítona terminada em <i>a, e, o</i> ou <i>em</i> (com ou sem <i>s</i>)
a. Trajetória Paroxítona terminada em ditongo	Inútil Paroxítona terminada em /	Café Oxítona terminada em <i>a, e, o</i> ou <i>em</i> (com ou sem <i>s</i>)	Baú Hiato tônico
b. Médio Paroxítona terminada em ditongo	Nível Paroxítona terminada em /	Raízes Hiato tônico	Você Oxítona terminada em <i>a, e, o</i> ou <i>em</i> (com ou sem <i>s</i>)
c. Necessário Paroxítona terminada em ditongo	Túnel Paroxítona terminada em /	Infindáveis Paroxítona terminada em ditongo	Só Monossílabo tônico
d. Exercício Paroxítona terminada em ditongo	Balaústre Hiato tônico	Níveis Paroxítona terminada em ditongo	Sofá Oxítona terminada em <i>a, e, o</i> ou <i>em</i> (com ou sem <i>s</i>)
e. Éter Paroxítona terminada em <i>r</i>	Hífen Paroxítona terminada em <i>n</i>	Propôs Oxítona terminada em <i>a, e, o</i> ou <i>em</i> (com ou sem <i>s</i>)	Saída Hiato tônico

A ordem e as cores ajudam a cruzar os dados da tabela. Dessa forma, concluímos que a alternativa correta é a letra *b* porque apresenta uma ordem de palavras e justificativas que corresponde exatamente à ordem dada na questão, como comprova a sequência das cores: marrom, alaranjado, verde e azul, igual na ordem da primeira linha da tabela e na linha em que são inseridas as palavras da letra *b*.

6.

A imprensa internacional foi convidada para assistir os debates em Copenhague.

De acordo com a norma escrita padrão da língua, na frase acima há um desvio de

- a) regência verbal.
- b) regência nominal.
- c) concordância verbal.
- d) concordância nominal.
- e) pontuação.

Análise

O erro que a frase apresenta é de regência verbal, porque *assistir* foi utilizado sem a preposição *a*. Quando esse verbo é usado com sentido de “ver”, ele recebe objeto indireto, que se liga ao verbo por meio da preposição *a*. Logo, a resposta certa é a alternativa *a* e o período apresentado no enunciado só ficaria correto se fosse escrito desta forma: “A imprensa internacional foi convidada para assistir aos debates em Copenhague.”

A letra *b* está incorreta, por falhar na classificação da regência. *Assistir* é um verbo e, por isso, o problema, na frase, caracteriza-se como erro de regência verbal e não nominal.

As letras *c* e *d* estão incorretas porque o período não apresenta erros de concordância. Quanto à concordância verbal, o sujeito, “a imprensa internacional”, que está no feminino singular, combina perfeitamente com a locução verbal “foi convidada”. No que se refere à concordância nominal, o adjetivo *internacional* está no singular e, portanto, concorda com o substantivo *imprensa*, que também está no singular.

No que se refere à pontuação, o período também não apresenta erro. Não há falta de ponto final e também não há necessidade de vírgula, já que a regra é facultativa quando há um advérbio encerrando o período e a opção foi de não usar a vírgula antes de “em Copenhague”, que é uma locução adverbial de lugar.

Fim do mundo

- (1) Estaria o mundo de hoje, e o Brasil junto com ele, se comprometendo com o que
- (2) pode vir a ser a mais cara, obsessiva e mal informada ilusão científica da história? A
- (3) humanidade já esteve convencida de que a Terra era plana, e que era possível prever
- (4) matematicamente a extinção da vida humana por falta física de comida, já que a
- (5) população cresceria sempre de forma geométrica e a produção de alimentos jamais
- (6) poderia aumentar no mesmo ritmo; mais recentemente, grandes empresas, governos e
- (7) ases da ciência digital acreditaram que o “*bug* do milênio” iria paralisar o mundo na
- (8) passagem de 1999 para 2000. Não se pode dizer que a crescente convicção de que o
- (9) planeta sofre hoje uma “ameaça sem precedentes” em toda a sua existência, como
- (10) resultado direto da “mudança do clima”, e particularmente do “aquecimento
- (11) global”, seja exatamente a mesma coisa.
- (12) A conferência de Copenhague tende a refletir, basicamente, um conjunto de
- (13) neuroses, fantasias e necessidades políticas que se ligam muito mais aos países ricos
- (14) do que à realidade brasileira; a agenda central é deles, com seus números, seus
- (15) cientistas e até sua linguagem. O Brasil, em vez de reagir ao debate dos outros, faria

(16) melhor pensando primeiro em seus interesses. Para isso, precisaria saber o que quer.

(17) Parece bem claro que o País, antes de ter um problema ecológico, tem um problema

(18) sanitário; nossa verdadeira tragédia ambiental é o fato de que 50% da população não

(19) dispõe de rede de esgotos, ou de que dois terços dos esgotos são lançados nos rios

(20) sem tratamento nenhum. Na Amazônia, onde há o maior volume de água doce do

(21) mundo, a maioria da população não tem água decente para beber. Nas áreas pobres

(22) das cidades, o lixo não é coletado – acaba em rios, represas ou na rua.

(23) A questão ecológica real, no Brasil, chama-se pobreza. (GUZZO, 2009)

7. Avalie as afirmações a propósito do emprego das formas verbais do texto “Fim do mundo”.

- I. “Estaria” (1) está no futuro do pretérito do indicativo e exprime probabilidade.
- II. “Acreditaram” (7) está no pretérito perfeito do indicativo e indica uma ação passada concluída.
- III. “Sofre” (9) está no presente do subjuntivo para enunciar um fato hipotético.
- IV. “Dispõe” (19) está no presente do indicativo para indicar um estado atual.

Entre as afirmações:

- a) apenas I, II e III estão corretas.
- b) apenas I, II e IV estão corretas.
- c) apenas I, III e IV estão corretas.

- d) apenas II, III e IV estão corretas.
- e) I, II, III e IV estão corretas.

Análise

Para entender a resolução dessa questão, vamos retomar os itens dados e analisá-los.

I – “Estaria” (1) está no futuro do pretérito do indicativo e exprime probabilidade.

Correto. O verbo em questão abre o texto: “Estaria o mundo de hoje, e o Brasil junto com ele, se comprometendo com o que pode vir a ser a mais cara, obsessiva e mal informada ilusão científica da história?” A pergunta, por admitir “sim” ou “não” como resposta, deixa clara a possibilidade indicada por “estaria”, que, de fato, corresponde ao tempo e ao modo indicados acima.

II – “Acreditaram” (7) está no pretérito perfeito do indicativo e indica uma ação passada concluída.

Correto. O tempo e o modo do verbo são esses que o item informa e, além disso, “acreditaram” indica uma ação já concluída, porque, no trecho “governos e ases da ciência digital acreditaram que o ‘bug do milênio’ [...]”, o verbo em questão é associado a um acontecimento passado: o “bug do milênio”.

III – “Sofre” (9) está no presente do subjuntivo para enunciar um fato hipotético.

Errado. A forma verbal *sofre* está no tempo presente, mas do modo indicativo: “o planeta sofre hoje [...]”. Se fosse utilizado o presente do subjuntivo, o correto seria *sofra*.

IV – “Dispõe” (19) está no presente do indicativo para indicar um estado atual.

Correto. O verbo *dispor* aparece no trecho “[...] 50% da população não dispõe de rede de esgotos” e corresponde ao tempo, ao modo e à função explicitados no item acima.

A partir da revisão dos itens apresentados na questão, conclui-se que a resposta correta é a letra *b*, que afirma que apenas os itens I, II e IV estão certos.

8. Leia as frases abaixo.

A Inglaterra aprovou uma lei pela qual o país terá de cortar em 80% ____ suas emissões de carbono.

O fato de as cifras virem ____ tona antes da conferência é outro sinal alentador.

Esse cipoal de números torna complexa _____ discussão em Copenhague, mas não a inviabiliza.

O presidente Barack Obama anunciou que vai _____ Copenhague e que se compromete com um corte de 17% até 2020.

As palavras que, na sequência, preenchem as lacunas acima corretamente são:

- a) as – a – a – a.
- b) as – a – a – à.
- c) as – à – a – a.
- d) às – à – a – a.
- e) às – a – à – à.

Análise

O tema aqui é o acento grave, cujo uso depende do verbo e do substantivo que aparecem no período. Por essa razão, vamos transcrever os trechos dados na questão, completando adequadamente as lacunas e fazendo uma breve justificativa da opção escolhida.

- A Inglaterra aprovou uma lei pela qual o país terá de cortar em 80% as suas emissões de carbono.

O acento grave, nesse caso, não é necessário, porque “suas emissões de carbono” é objeto direto do verbo *cortar*. Sendo assim, não há necessidade da preposição *a*.

Lembrete: *à* = preposição *a* + artigo *a*.

Pela ausência da preposição, não ocorre crase e, portanto, o acento grave não se justifica diante de “suas”.

- O fato de as cifras virem à tona antes da conferência é outro sinal alentador.

Neste exemplo, a preposição *a* é uma exigência do verbo *vir* e ela será somada ao *a* artigo, admitido pela palavra *tona*, substantivo feminino que é sinônimo de *superfície*. Se há o emprego dos dois *a*, o acento grave faz-se necessário.

- Esse cipoal de números torna complexa a discussão em Copenhague, mas não a inviabiliza.

Aqui não há preposição, apenas artigo. O *a* apenas define o substantivo *discussão*, que é objeto direto do verbo *tornar* e objetos diretos não precisam de preposição para se ligarem ao verbo.

- O presidente Barack Obama anunciou que vai a Copenhague e que se compromete com um corte de 17% até 2020.

Esse período dispensa o uso do acento grave no a, porque só a preposição é empregada, por exigência do verbo – *vai*. *Ir* indica movimento e, portanto, “quem vai vai *a* algum lugar”. Porém, *Copenhague* não admite o artigo definido *a*. Mas como saber que nome de país, estado ou cidade admite ou não o artigo? Fácil. O macete é usar o verbo *voltar*. No caso que estamos analisando, teríamos “voltar *de* Copenhague”. *De* é apenas preposição, o que indica que o artigo não foi utilizado. Aconteceria de modo diferente se o exemplo fosse *Inglaterra*, porque seria correta a opção “voltar *da* Inglaterra”, o que significa que esse país admite o artigo. Logo: “O presidente Barack Obama anunciou que vai à Inglaterra [...]”

Pelas explicações acima, concluímos que a sequência correta para o preenchimento das lacunas é “as – à – a – a”, opção dada pela letra *c* que é a resposta correta.

9. Denomina-se *adequação sintática* a construção coerente de períodos e orações, observadas as relações existentes entre seus termos e a sua organização. Entre os parágrafos transcritos abaixo, aquele que preserva o princípio do paralelismo sintático, segundo o qual quaisquer elementos da frase coordenados entre si devem apresentar estrutura gramatical similar, é:
 - a) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou que volte a produzir aço em grande quantidade.

- b) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou a volta de uma produção de aço em grande quantidade.
- c) Aqui não pretendemos defender a ideia de um Estado intervindo mais na economia ou que ele volte à produção de aço em grande quantidade.
- d) Aqui não pretendemos defender a ideia de que a intervenção do Estado deva ser maior na economia ou uma produção de aço voltando a ter quantidade.
- e) Aqui não pretendemos defender a ideia de mais intervenção do Estado na economia ou que ele volte a produzir aço em grande quantidade.

Análise

Temos como resposta certa a alternativa *a*:

- a) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia / ou que volte a produzir aço em grande quantidade.

A parte destacada é a responsável pelo paralelismo sintático. A barra separa os dois blocos do paralelismo. Perceba que a semelhança se dá pelo fato de a preposição *de* reger ambas as partes. Por isso, o primeiro e o segundo blocos iniciam com *que*. O primeiro explicita o sujeito, “o Estado”, mas observe que nas duas situações é usado um verbo na terceira pessoa do presente do subjuntivo (*intervenha* e *volte*, respectivamente).

Essa explicação, apesar de breve, já nos dá uma boa base para identificarmos as incorreções nas opções dadas pelas outras alternativas.

- b) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou a volta de uma produção de aço em grande quantidade.

Em vez de usar um verbo no presente do subjuntivo, a exemplo do primeiro bloco, foi usado “a volta”, desfazendo o paralelismo.

- c) Aqui não pretendemos defender a ideia de um Estado intervindo mais na economia ou que ele volte à produção de aço em grande quantidade.

Nesse exemplo, também não temos um paralelismo, porque o primeiro verbo aparece no gerúndio e o segundo, antecedido do *que*, no presente do subjuntivo.

- d) Aqui não pretendemos defender a ideia de que a intervenção do Estado deva ser maior na economia ou uma produção de aço voltando a ter quantidade.

Também em desequilíbrio, a opção *d* desfaz o paralelismo ao optar pelo uso de um verbo no presente do subjuntivo na primeira parte (mas agora o verbo é *dever* e *intervir* foi transformado no substantivo *intervenção*), e pelo substantivo *produção* no segundo bloco. *Produção* poderia, junto com *intervenção*, estabelecer o paralelismo. No entanto, se o primeiro bloco faz a continuidade com o subjuntivo (*deva*), o segundo usa *voltando*, um gerúndio.

- e) Aqui não pretendemos defender a ideia de mais intervenção do Estado na economia ou que ele volte a produzir aço em grande quantidade.

Apresentando a mesma disparidade das demais alternativas incorretas, a opção *e* utiliza um substantivo (*intervenção*) e um verbo no presente do subjuntivo (*volte*).

10. Assinale a opção que contém compreensão **errada** do trecho abaixo.

Os anos 1980 costumam ser lembrados no Brasil como *década perdida*. Estultícia. Economicamente, o período é antes de ajustes que de perda. Quadro internacional adverso, desatualização e gigantismo do Estado, avanço do processo de globalização. Claro: as condições internacionais não permitiam a continuidade da disparada desenvolvimentista dos anos 1970. Mesmo assim, a economia brasileira cresceu 33,5% no período 1980-1989. Nada de espetacular, comparativamente à década anterior. Mas evoluir um terço na magnitude da economia não é perder. É apenas avançar menos rapidamente. Além disso, chamar de década perdida o período em que o país reconquistou e consolidou a democracia é sobrepor o econômico a tudo. Até mesmo à liberdade. (COUTO, 2001, p. 111. Adaptado.)

- a) Segundo o autor, é um disparate considerar a década de 1980 como “perdida”.
- b) O autor considera inapropriado e inadequado, diante do contexto político e social da época, avaliar os anos 1980 como tendo sido negativos para o país.
- c) O crescimento da economia, na década de 1980, foi menor do que no período 1970-1979.
- d) Fatores internos e externos contribuíram para que a economia da década de 1980 avançasse a passos mais lentos.
- e) A despeito das condições internacionais adversas, a economia dos anos 1980 cresceu de modo espetacular.

Análise

Essa questão pede que seja identificada a alternativa que faz considerações incorretas sobre o texto. A resposta está na letra *e*, segundo a qual “a economia dos anos 1980 cresceu de modo espetacular”. O texto menciona claramente que a década de 1980, em termos de desenvolvimento econômico, perdeu para a década de 1970. Por isso, a alternativa não interpreta o texto adequadamente.

Nas demais opções, há total coerência entre a interpretação e o texto.

A opção *a* afirma que o autor acha um “disparate considerar a década de 1980 como ‘perdida’”. Isso é verdadeiro, sobretudo pela conquista da democracia, citada pelo autor.

A letra *b* afirma que “o autor considera inapropriado e inadequado, diante do contexto político e social da época, avaliar os anos 1980 como tendo sido negativos para o país”. Essa consideração também é verdadeira – afinal, em outro trecho o autor menciona que “a economia brasileira cresceu 33,5% no período 1980-1989”.

A alternativa *c* também apresenta uma leitura em conformidade com o que o autor expõe no texto, porque afirma que “o crescimento da economia, na década de 1980, foi menor do que no período 1970-1979”.

Também não há desvirtuamento do sentido na letra *d*, cujo texto é: “Fatores internos e externos contribuíram para que a economia da década de 1980 avançasse a passos mais lentos.” A afirmação coincide com esse período do texto, que exemplifica os fatores citados na alternativa: “Quadro internacional adverso, desatualização e gigantismo do Estado, avanço do processo de globalização.”

11.

Recentemente, a imprensa divulgou uma proposta de financiar as universidades por meio da Lei de Incentivos Fiscais. Seriam permitidas deduções do Imposto de Renda de entidades que investirem em bolsas de estudo, reformas, pesquisas e outras ações. A proposta seguiria o mesmo princípio da Lei Rouanet, que já garante isenção de tributos para empresários que destinam seus impostos a atividades culturais e esportivas. Fica difícil decifrar o que está por trás desse projeto. Aos desavisados, a proposta soará como ideia brilhante que salvaria a pesquisa e o Ensino Superior do Brasil. Aos conhecedores das motivações escusas da política cultural vigente, fica a dúvida: a trama pode estar envolta em ingenuidade e boa-fé, mas pode também ser fruto de estratégias voltadas à privatização total e definitiva do Ensino Superior, cada vez mais tratado como mercadoria.

(ANTUNES, 2009. Adaptado.)

Sobre a proposta de financiar as universidades por meio da Lei de Incentivos Fiscais, depreende-se do texto acima que:

- a) há o temor de que as deduções dos tributos sejam desviadas para outras finalidades que não o financiamento das universidades.
- b) os que não foram avisados da proposta buscam uma forma de salvar as universidades públicas do Brasil.
- c) os que tomaram conhecimento da proposta duvidam das motivações escusas da política cultural vigente.
- d) não está claro qual é o verdadeiro propósito de tal proposta e não vai ser fácil descobrir que interesses estão por trás dessa ideia.
- e) a renúncia fiscal vai fortalecer as pesquisas voltadas à privatização do Ensino Superior.

Análise

A letra *d* é a resposta certa porque combina perfeitamente com este trecho do texto: “Fica difícil decifrar o que está por trás desse projeto.”

Já a alternativa *a* afirma que “as deduções dos tributos” podem ser usadas para outras finalidades e que esse é o medo do autor do texto. Errado. O autor teme que o incentivo fiscal resulte em uma onda de privatizações no Ensino Superior.

Na letra *b*, o problema é bastante complexo. O autor usa, no texto, o termo *desavisados*, que a alternativa perverte, porque o associa a pessoas que não foram avisadas sobre o assunto do texto.

De acordo com a letra *c*, “os que tomaram conhecimento da proposta duvidam das motivações escusas da política cultural vigente”. O problema está no uso do adjetivo *escusas* – afinal, essa palavra define uma posição sobre o projeto de incentivo fiscal, enquanto o texto termina sem fazer uma afirmação categórica sobre o assunto.

Na letra *e*, o erro é a associação feita entre “pesquisas” e “privatização do Ensino Superior”. O projeto irá incentivar todo tipo de pesquisa e não apenas aquelas “voltadas à privatização do Ensino Superior”.

12.

O exame da linguagem corrente hoje no Brasil constata uma curiosa oposição entre os termos *sociedade* e *social*. Isso ocorre, em particular, no seu uso por parte de empresários, políticos e jornalistas – para começarmos por uma caracterização profissional. Mas também sucede, para passarmos a uma determinação política, que, porém, se sobrepõe à primeira, por parte dos setores mais à direita. Estes últimos anos, no discurso dos governantes ou no dos economistas, *a sociedade* veio a designar o conjunto dos que detêm o poder econômico, ao passo que *social* remete, na fala dos mesmos governantes ou dos publicistas, a uma política que procura minorar a miséria. (RIBEIRO, 2010)

A compreensão correta da oposição apresentada no texto acima cria correlação com o par opositivo:

- a) uma política dos setores direitistas e uma política de oposição ao governo.

- b) categorias profissionais e categorias empresariais.
- c) o discurso dos governantes e o discurso dos publicistas.
- d) a elite econômica e as classes pobres.
- e) as classes dominantes e o conjunto dos detentores do poder econômico.

Análise

A letra *d* está correta. Ela se refere, assim como a alternativa *e*, a possibilidades de interpretação para os significados dos termos opostos no texto – *sociedade* e *social*. Porém, apenas a *d* aponta para uma oposição legítima e que corresponde ao conteúdo informado no texto, que relaciona *sociedade* à “elite econômica” e *social* às “classes pobres”.

A *e* é errada porque, em vez de uma oposição, indica sinônimos: “classes dominantes” e “o conjunto dos detentores do poder econômico”.

A alternativa *a* está incorreta porque sugere a oposição entre *situação* e *oposição*, mas esta não é contemplada no texto. Até mesmo o conceito de *social* é apresentado de acordo com a óptica dos governantes.

Na opção *b*, as categorias no texto consideradas opostas são partes do mesmo conjunto: “[...] por parte de empresários, políticos e jornalistas – para começarmos por uma caracterização profissional.”

Acontece o mesmo na letra *c*: de acordo com o texto, *governantes* e *publicistas* são termos afins e não opostos: “na fala dos mesmos governantes ou dos publicistas”.

13. Assinale a opção que apresenta continuação coesa e coerente para o texto a seguir.

A Embraer é um dos orgulhos da indústria brasileira. Resultado da conjugação de esforços de desenvolvimento tecnológico de centros de pesquisas que receberam apoio decisivo da Aeronáutica, a empresa ganhou forte impulso quando passou a ser gerida como companhia privada. É visível a contribuição desse crescimento da Embraer para a transformação da região que vai de Taubaté a São José dos Campos, no trecho paulista do vale do Paraíba.

A Embraer disputa [...] com um grande grupo canadense (Bombardier) a posição de terceira maior fabricante de aviões comerciais. Seus jatos de 50 a 90 lugares estão em todas as partes do mundo, e a carteira de aviões executivos segue nessa mesma direção. (PAPEL DA EMBRAER, 2009)

- a) Se algo pode ser feito para minimizar esses problemas da Embraer é viabilizar, com condições adequadas, um aumento de encomendas de aviões pelas companhias aéreas nacionais que hoje acham mais vantajoso compor suas frotas com aeronaves de maior porte importadas.
- b) Contanto que, em face das características da aviação comercial brasileira, cujo movimento se concentra entre as maiores capitais do país, a Embraer teve de se voltar essencialmente para a exportação, da qual obtém cerca de 90% de suas receitas.
- c) Entretanto, não é possível deixar de tratar a Embraer como uma empresa que precisa investir permanentemente grandes somas de capital para se manter afinada com o avanço tecnológico, o que só é possível se a companhia continuar lucrativa.
- d) Como a legislação trabalhista brasileira é anacrônica, presta-se a interpretações confusas, e não por acaso que isso seja apontado como um dos inibidores da criação de empregos formais no Brasil.
- e) O impacto social dessa iniciativa para toda essa região mencionada é de fato preocupante, embora, como se trata de mão de obra qualificada, a possibilidade de recontração ou recolocação em outras indústrias é considerável.

Análise

A opção c é a única que propõe uma continuidade adequada para o trecho lido. O texto é totalmente positivo em relação à Embraer, mas, na sequência sugerida, é feita uma ressalva, daí o uso da conjunção *entretanto*. A emenda faz, então, um alerta: se a Embraer quiser continuar se destacando, é necessário que continue tendo lucro.

A proposta da letra *b* é inaceitável, não só pela locução conjuntiva “contanto que”, mas também pela incompletude do trecho sugerido, que encadeia diversas informações sem enunciar nenhuma ideia completa.

Também estão incorretas as alternativas *a*, *d* e *e*, pelo mesmo motivo. Os trechos dessas opções fazem menção a algo ainda não apresentado no texto, o que causa uma mudança muito brusca e põe em risco a coerência textual.

A letra *a*, por exemplo, menciona “problemas”, mas quais, se o trecho lido só faz elogios à Embraer?

A letra *d* começa mencionando a “legislação trabalhista” e a *e*, uma “iniciativa” que causou grande “impacto”. Ambas as sugestões são completamente desvinculadas da parte anterior do texto e, justamente por isso, fazem o leitor se perguntar: “Mas o que as leis do trabalho têm a ver com o desenvolvimento da Embraer?” ou “De que iniciativa o autor está falando?”

- 14.** Assinale a opção que continua de forma coesa e coerente o trecho a seguir.

A recessão poderá terminar neste ano ainda, se for restaurada alguma estabilidade no sistema financeiro. Nesse caso, 2010 será um ano de recuperação. A previsão, a mais otimista desde o início do ano, foi apresentada no Senado pelo presidente do Banco Central dos Estados Unidos (Federal Reserve, Fed), o economista Ben Bernanke. Quando a maior parte dos analistas se mostra insegura quanto à duração da crise, a indicação de um prazo relativamente curto para o início da retomada é animadora. Mas o otimismo é sujeito a uma condição importante e nada fácil de se cumprir. (O ESTADO DE S. PAULO, 26 fev. 2009)

- a) Há dúvidas se o governo deverá estatizar algumas instituições temporariamente – ideia rejeitada por Bernanke, que admite, apenas, a participação minoritária do governo no capital dos bancos – e o trabalho de reabilitação está apenas no começo.
- b) Foi esse, aparentemente, o objetivo central do presidente em seu primeiro discurso ao Congresso a respeito do estado da União. Ele voltou a descrever os problemas da economia americana, mas apontou também as possibilidades de reativação e as inovações políticas contidas no pacote.

- c) Essa restrição apontada por Bernanke não é uma novidade. Foi apontada por vários economistas e governantes, incluído o primeiro-ministro da Rússia, Vladimir Putin, empenhado em justificar a ajuda aos bancos em seu país.
- d) Mas é uma lembrança oportuna, quando o governo americano se dispõe a pôr em prática o pacote de estímulo fiscal de US\$787 bilhões aprovado neste mês pelo Congresso. Depois de haver trabalhado muito pela aprovação dessa proposta, o presidente Barack Obama ainda tem de se esforçar para transmitir algum entusiasmo aos políticos, empresários e consumidores.
- e) A economia só voltará a funcionar razoavelmente quando a arrumação do sistema financeiro der algum resultado. Isso dependerá não só de uma regulamentação mais severa do mercado, mas também, e preliminarmente, da recapitalização dos grandes bancos.

Análise

Na letra *e*, encontramos uma continuidade adequada ao texto lido no enunciado da questão. Isso ocorre porque o otimismo, ao final do texto, é condicionado à estabilidade e, no começo do trecho sugerido para a continuação do texto, temos “A economia só voltará a funcionar razoavelmente quando [...]”

No que se refere às alternativas incorretas, a justificativa baseia-se no fato de os novos trechos sugerirem uma continuidade que fala de assuntos não mencionados anteriormente.

A opção *a*, por exemplo, fala da estatização de “algumas instituições”.

A letra *b* menciona um “objetivo central”. Seria algo coerente se essa parte voltasse a falar da estabilidade. No entanto, o assunto são os problemas e o pacote lançado pelo governo.

A alternativa *c* refere-se a uma restrição. Qual, se o texto anterior acaba com uma condição?

A letra *e* também usa o relator errado: o trecho faz referência a uma “lembrança oportuna”. No início, parece que a tal “lembrança” diz respeito à neces-

cidade da estabilização da economia, mas indo ao encontro da informação anterior, e não contra ela, a conjunção *mas* perde a função.

Além disso, apesar de a estabilidade ser a condição para o otimismo em relação à superação da crise, o texto anterior acaba em um clima positivo e o trecho proposto pela alternativa e para continuar o texto inicial é pessimista. Veja como ele termina: “[...] o presidente Barack Obama ainda tem de se esforçar para transmitir algum entusiasmo aos políticos, empresários e consumidores.”

15. Assinale o trecho adaptado do *Jornal do Comércio* de Pernambuco (1 mar. 2009) que apresenta erro gramatical.

- a) Jogou-se fora um patrimônio construído a duras penas por um país de pouco capital. Tudo isso se usando o argumento da modernidade. Que modernidade? Se trens, metrô e até bondes urbanos são vistos e bem usados nas metrópoles civilizadas do mundo? Tardamente, enfim, decidiram-se dar vez aos trens urbanos, ao metrô, quando o trânsito em nossas grandes cidades já caminhavam para o engarrafamento final.
- b) A perda de um horizonte de interesses nacionais levou administrações submissas às mais estranhas pressões ao sucateamento de ferrovias construídas, desde o tempo do barão de Mauá, ao esfacelamento da tecnologia que havíamos adquirido na construção e reparos de locomotivas, vagões e das próprias estradas de ferro.
- c) Um dos piores resultados do descaso de sucessivos governos do pós-guerra com a rede de transportes do país é a deterioração da malha ferroviária brasileira, realidade que vai no sentido inverso do que ocorre nos países desenvolvidos, principalmente naqueles de dimensões continentais, como os Estados Unidos e o Canadá.
- d) O que está por trás de uma ação impatriótica típica de padrões nacionais é o *lobby* da indústria automobilística, que queria um compromisso quase exclusivo do governo com a construção de rodovias para a circulação de suas “carroças” (como designou Collor). Um equívoco que só prosperou em nosso país.

- e) Nos Estados Unidos, pátria da indústria automobilística, nunca se sacrificou o transporte ferroviário. Ferrovias cortam o país da costa Leste à costa Oeste, do Norte ao Sul. Como acontece na Rússia, onde viaja-se de trem e carregam-se cargas de Moscou ao Extremo Oriente.

Análise

Nessa questão, todas as opções, com exceção da *a*, estão escritas corretamente. Não há desvios nas normas de concordância e regência. A pontuação está adequada. Os termos utilizados fazem sentido no contexto em que são empregados, e também não há erros de grafia ou acentuação.

Desse modo, resta-nos analisar mais cuidadosamente a alternativa *a* para identificar os erros e comentá-los:

a) Jogou-se fora um patrimônio construído a duras penas por um país de pouco capital. Tudo isso se usando o argumento da modernidade. Que modernidade? Se trens, metrô e até bondes urbanos são vistos e bem usados nas metrópoles civilizadas do mundo? Tardiamente, enfim, decidiram-se dar vez aos trens urbanos, ao metrô, quando o trânsito em nossas grandes cidades já caminhavam para o engarrafamento final.

Com tantos erros, o texto merecia ser totalmente refeito, mas isso nos desviaria do objetivo do exercício, que é entender por que as passagens marcadas acima estão incorretas.

O segundo período está todo sublinhado porque está incompleto. Verbos no gerúndio às vezes geram incompletude, porque são mais usados em informações complementares e não básicas e, se não temos o básico (sujeito + predicado), não temos uma ideia completa.

Outro erro é o uso do ponto de interrogação depois de “modernidade”. O mais adequado seria usar uma vírgula, já que o *se* contraria a ideia de *modernidade*.

No último período do texto, o verbo *decidir* aparece conjugado na terceira pessoa do plural. Não haveria problema, se o verbo não fosse empregado com o *se*. Para formar um período com sujeito indeterminado, a gramática dá duas opções: ou o uso isolado do verbo na terceira pessoa do plural ou o verbo conjugado na terceira pessoa do singular somado ao *se*.

Outro problema é a utilização de “metrôs” e “trens urbanos” como se fossem sinônimos. Logo, em vez da vírgula, simplesmente, o adequado seria a utilização do e: “aos trens urbanos e ao metrô”.

O *quando* poderia ganhar o reforço do advérbio *apenas*, mas, nesse caso, para que o período não fique redundante, é melhor excluir o advérbio *tardamente*, que abre o período. Dessa forma, teríamos: “Enfim, decidiu-se dar vez aos trens urbanos e ao metrô, apenas quando o trânsito [...]”

Já no final do texto, temos um erro básico de concordância, pois *trânsito* está no singular e desempenha a função de sujeito. Por isso, o verbo *caminhar* deveria ser usado também no singular, mas aparece no plural (*caminhavam*).

Finalmente, temos de encontrar uma forma de substituir a expressão “engarrafamento final”, que encerra o texto. Uma sugestão, entre as muitas possíveis, exigiria mudança também no verbo, mas passaria a informação de modo mais adequado e sem alterar o sentido do texto original: “quando o trânsito em nossas grandes cidades já apresentava engarrafamentos constantes.”

Dica de estudo

Toda consulta ao dicionário é de grande ajuda, mas, para saber mais sobre regência verbal, a dica é consultar um *Dicionário de verbos e regimes*.

Referências

ANTUNES, Jorge. O financiamento das universidades e a tramoia dos privatistas.

Correio Braziliense, 16 mar. 2009.

CLIMA ALENTADOR. **Folha de S. Paulo**, 29 nov. 2009.

COUTO, Ronaldo Costa. De 1964 ao governo Sarney. *In*: BASTOS, Oliveira (Org.).

Sarney: o outro lado da história. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GUZZO, J. R. Fim do mundo. **Veja**, ano 42, n. 45, ed. 2138, 11 nov. 2009.

PAPEL DA EMBRAER, **O Globo**, 3 mar. 2009.

RIBEIRO, Renato Janine. **A Sociedade Contra o Social ou a Sociedade Privatizada**. Disponível em: <www.renatojanine.pro.br/Livros/asociedade.html>. Acesso em: 10 maio 2010.

Sites consultados

<<http://concursos.correioweb.com.br>>

<<http://provaseconcursos.com.br>>

Gabarito

1. A
2. E
3. D
4. D
5. B
6. A
7. B
8. C
9. A
10. E
11. D
12. D
13. C
14. E
15. A